

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
14 e 29 de Dezembro de 2023
HOURS AND HOURS

NIGHT CALL / 1964

*Um episódio televisivo
de Jacques Tourneur*

Argumento: Richard Matheson / *Director de fotografia (35 mm, preto & branco):* Robert Pittack / *Direção artística:* George W. Davis e Walter Hoschler / *Cenários:* Robert Benton, Henry Grace / *Tema musical:* Bernard Hermann / *Montagem:* Richard Heermance / *Som:* Franklin Milton, Philip Mitchell / *Interpretação:* Gladys Cooper (*Elva Keene*), Margaret Philips (*Nora Marlowe*), Martine Bartlett (*Miss Finch*), Rod Serling (*o apresentador e a voz off do comentador*).

Produção: Bert Granet para Cayuca Productions e CBS, para a quinta temporada da série de televisão **The Twilight Zone** (em Portugal, **A Quinta Dimensão**) / *Cópia:* digital, versão original com legendas eletrónicas em português / *Duração:* 25 minutos / *Estreia mundial:* 7 de Fevereiro de 1964, na cadeia CBS / *Estreia em Portugal:* data não identificada / *Primeira apresentação na Cinemateca:* 15 de Janeiro de 2015, no âmbito do ciclo "Realizador convidado – Pedro Costa".

Night Call é apresentado com **The Leopard Man** ("folha" distribuída em separado).

*Eu gostava dos programas ao vivo,
com 90 minutos de drama.
Os atores estão nervosos, dão o melhor.
Mas hoje em dia detesto televisão.
Só o faço para existir, para sobreviver,
Jacques Tourneur
(1964)*

Apesar do seu talento Jacques Tourneur nunca fez uma carreira de prestígio em Hollywood. Na verdade, o seu talento sobressaiu graças à sua capacidade de fazer muito com pouco, de extrair filmes verdadeiramente belos com recursos de série B. Entre os seus filmes mais célebres estão os que pertencem ao género do cinema de horror em que Tourneur colaborou com o produtor Val Lewton e cujo princípio estético (devido, pelo menos em parte, a razões económicas) consiste em não mostrar o monstro, apenas sugerir a sua presença. É o que acontece em **The Cat People** e em **The Leopard Man**, mas não em **Night of the Demon**, em que se vê um diabo com todos os *ff* e *rr*, facto que Tourneur sempre lamentou. Nos anos 50, com as profundas mudanças ocorridas na produção de cinema nos Estados Unidos, devidas à enorme expansão da televisão, não era de espantar que um cineasta de filmes B como Tourneur (ainda por cima em inegável declínio artístico e com problemas de alcoolismo) fosse parar à televisão. Se muitos afirmam que hoje em dia as séries americanas são superiores aos filmes, convém lembrar que nos anos 50 as séries de televisão vieram substituir os filmes de série B. Durante alguns anos, muitas destas séries foram filmadas com uma gramática cinematográfica, em película e abordavam géneros clássicos do cinema americano, como os *filmes negros*, de *gangsters* e o *western*. Jacques Tourneur esteve muito longe de ser o único realizador de talento e com prestígio junto aos cinéfilos, a trabalhar para a televisão americana neste período. No caso de **The Twilight Zone**, série de que **Night Call** é um episódio, além de Tourneur podemos citar os nomes de John Brahm e Mitchell Leisen entre os realizadores e entre os atores grandes secundários ou semi-principais do passado, nomes como Ida Lupino, Agnes Moorehead, Dan Duryea, Burgess Meredith, Everett Sloane, John Carradine, Franchot Tone, Ted de Corsia. Entre os principiantes que se tornariam

célebres, citemos Charles Bronson e Vera Miles. O tema musical da série é de Bernard Herman e a protagonista do episódio que vamos ver tem um pequeno papel em **Rebecca**.

A primeira incursão de Jacques Tourneur à televisão teve lugar em 1955, para um episódio de **Jane Wyman Presents the Fireside Theater** (“teatro em frente à lareira”: impossível vender melhor a televisão), cuja fórmula, que durou alguns anos, consistia em transmitir peças de teatro em direto. Alguns dos “filmes” de Tourneur, como **Frontier Rangers**, **Mission of Danger** e **Fury River**, são na verdade compostos por episódios de séries de televisão. E há duas celebérrimas séries americanas que se tornaram clássicas e para as quais ele realizou um episódio: **Bonanza** (o episódio **Denver McKee**, de 1960) e **Twilight Zone**, a que pertence o episódio desta sessão.

A primeira e autêntica versão de **The Twilight Zone** (*twilight* significa *crepúsculo*, mas também *compreensão parcial*) tem muitas diferenças com o que se fazia então na televisão americana. Estamos longe do realismo e da gramática cinematográfica. Tudo se baseia no cinema fantástico por sugestão (precisamente um subgénero em que Jacques Tourneur foi um mestre), não baseado em efeitos especiais e obedece a uma gramática estritamente televisiva - os episódios da terceira temporada foram inclusive feitos em vídeo e não em 35 mm, contra a vontade do criador da série. O maravilhosamente estapafúrdio cinema de ficção científica americano dos anos 50, com os seus discos voadores, as suas gelatinas antropófagas, os seus insetos gigantes e os seus seres de outros planetas, tinha características que o associavam ao público adolescente e o desafio de **The Twilight Zone** consistia em atrair o público adulto. O êxito foi tamanho que a série teve cinco temporadas, com uma média de quinze milhões de espectadores semanais nos Estados Unidos, sendo distribuída em cerca de vinte países. Foi ressuscitada nos anos 80 e de novo em 2002, além de ter sido feita uma versão cinematográfica em 1983.

O verdadeiro autor da série é Rod Serling (1924-75), que surge em todos os episódios na apresentação e no desenlace, além de emprestar a sua voz para a eventual narração em *off*. Serling concebeu a série, produziu-a, escreveu mais da metade dos episódios (84 num total de 156) e apresenta-os. Serling era um experiente e prestigiado argumentista de televisão e na introdução de uma entrevista aos *Cahiers du Cinéma* em Maio de 1964, Karl Madsen escreve que “*ele forma, com Asimov e Bradbury, a santíssima trindade da ficção científica californiana*” (Madsen não faz nem uma só pergunta sobre **The Twilight Zone**, mas está perdoado porque a série só foi difundida em França a partir de Fevereiro de 1965, com o título **La Quatrième Dimension**). O modelo da série, em que acontecimentos misteriosos, aparentemente devidos à auto-sugestão, se desenrolam permite dar uma tonalidade fantástica ao que se passa, sem jamais recorrer a efeitos especiais (a ausência destes é mesmo uma das características essenciais da série) e ficando sempre num contexto aparentemente realista. É a discreta aparição do fantástico num mundo banalmente realista que dá sabor a **The Twilight Zone**. O tema narrativo de **Night Call** é o mesmo de um clássico *thriller* de Anatole Litvak, **Phone Call from a Stranger** (1948), em que Barbara Stanwyck faz o papel de uma mulher paralítica que recebe uma série de telefonemas ameaçadores. Mas como não estamos numa lógica de *thriller*. Nada sugere as sombras e o ambiente de um *filme negro*, o clima nunca é opressivo. Numa perfeita lógica televisiva, só há um cenário (o local de trabalho da telefonista só surge de relance e o cemitério pertence ao epílogo) e três personagens. Quatro, é claro, se incluirmos o falecido noivo da protagonista e cinco se considerarmos Rod Serling como um personagem, coisa que ele é e não é. Como sempre na televisão, tudo depende do argumento (na televisão, os argumentistas sempre tiveram mais prestígio do que os realizadores) e da presença, se possível um pouco *détachée* dos atores. Todos estes elementos estão presentes em **Night Call**.

Antonio Rodrigues